



# AS AVENTURAS DE TELÉMACO E DIÓFANES: A FORMAÇÃO VIRTUOSA ATRAVÉS DE NARRATIVAS ROMANESCAS NO SÉCULO XVIII

---

THE ADVENTURES OF TELÉMACO AND DIÓFANES: THE  
VIRTUOUS UPBRINGING THROUGH NOVELISTIC  
NARRATIVES IN THE EIGHTEENTH CENTURY

Valnikson Viana Oliveira<sup>1</sup>  
Daniela Maria Segabinazi<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Paraíba*

**Resumo:** Este artigo procura mostrar de que maneira os romances *As aventuras de Telémaco* (2006), do autor francês François Fénelon, e *Aventuras de Diófanos* (1993), da escritora luso-brasileira Teresa Margarida da Silva e Orta, contribuíam para a formação virtuosa de crianças durante o século XVIII. As narrativas resgataram personagens e mitos da antiguidade clássica greco-romana para difundir determinados valores morais e cívicos, também envolvendo críticas ao contexto político e social de França e Portugal. Para embasar nosso trabalho, nos valem principalmente de Abreu (2003), Coelho (1991) e Hipolito (2004), compreendendo as obras em seu contexto histórico de produção e circulação.

Palavras-Chave: Antiguidade clássica; Romance; História da educação; Século XVIII.

---

<sup>1</sup> valnikson18@hotmail.com

<sup>2</sup> dani.segabinazi@gmail.com

---

**Abstract:** *This article aims to show how the novels *As aventuras de Telémaco* (2006) by the French author Francois Fénelon and *Aventuras de Diófanos* (1993) by the Luso-Brazilian writer Teresa Margarida da Silva e Orta contributed to the virtuous upbringing of children during the eighteenth century. The narratives not only revived characters and myths of Greco-Roman antiquity to diffuse certain moral and civic values but also entailed criticism of the political and social context of France and Portugal. As the basis for the discussion, the works of Abreu (2003), Coleho (1991) and Hipolito (2004) are utilized to assist in the understanding of the novels in the historical context of their production and circulation.*

Keywords: *Classical antiquity; Novel; History of education; Eighteenth century.*

## INTRODUÇÃO

A literatura voltada para as crianças tem sua história ligada diretamente ao surgimento da própria concepção de infância, nos últimos anos do século XVII. Antes disso, não existia uma escrita que visava o público infantil e juvenil, com os pequenos compartilhando da mesma realidade civil dos adultos. De acordo com Zilberman (1994, p. 13), foi durante o século XVIII, com o advento da burguesia e a valorização de um modelo familiar definido, que a criança foi percebida socialmente, com necessidades e características próprias, gerando um maior interesse na sua educação e na transmissão de valores preciosos à sua formação.

Segundo Coelho (1991), as publicações direcionadas ao pequeno leitor surgem na França, na época da monarquia absoluta de Luís XIV, através de nomes como La Fontaine (1621-1695), Charles Perrault (1613-1688), Madame D'Aulnoy (1650/1651-1705) e François Fénelon (1651-1715). As obras destes autores são tidas como pioneiras da literatura infantil, todas apresentando alguma ligação com a instrução dos infantes. A constituição do gênero veio em meio a repercussões na esfera artística de transformações ocorridas no período da Idade Moderna. Seguindo a conjuntura dos grandes centros europeus, a literatura para crianças emerge em território brasileiro e português em associação com a pedagogia, com os livros sendo elaborados para se converter em instrumento dela.

Nesta perspectiva, propomos desenvolver um estudo de *As aventuras de Telémaco* (1699), de Fénelon, e *Aventuras de Diófanos* (1752), de Teresa Margarida da Silva e Orta, procurando mostrar de que maneira as duas narrativas romanescas contribuíam para a formação virtuosa das crianças. Enquanto a primeira constituía um espelho para príncipes, visto que foi redigida para instruir o Duque de Borgonha, a segunda caracterizava uma espécie de guia

---

comportamental para a educação de meninas, sendo que o título do escritor francês serviu como base criativa para a composição da autora luso-brasileira.

A escolha das obras não foi aleatória, já que ambas constituem grandes representações da criação literária setecentista, resgatando personagens e mitos da antiguidade greco-romana para difundir valores morais e cívicos, também apresentando críticas ao contexto político e social de França e Portugal. Um trabalho que recupere estes títulos infantis como construção literária e pedagógica pode contribuir para os estudos sobre o ensino, a leitura e a produção da literatura infantil ao longo do Século das Luzes.

## 1 A PRESENÇA DE *AS AVENTURAS DE TELÉMACO* E *AVENTURAS DE DIÓFANES* NO CENÁRIO LITERÁRIO SETECENTISTA

Segundo Abreu (2003, p. 266), o gênero romance, embora ainda novo e sem *pedigree*, conquistou as preferências do público leitor europeu dentre os escritos de Belas Letras durante o século XVIII. Essa produção era definida pelo seu caráter fictício, não se isentando de uma nuance pejorativa pela relação com termos vinculados à mentira ou ao fingimento, sendo vista com maus olhos em um contexto delimitado pelas leis do catolicismo. Com isso, acabou desvalorizada, no período, como expressão menor por não seguir os preceitos da poética ou da retórica.

De acordo com Watt (1990), o realismo formal em oposição ao idealismo seria a principal diferença entre os romances setecentistas e as narrativas produzidas anteriormente. A escrita dos romancistas forneceria uma linguagem mais referencial, descritiva e fiel ao cotidiano, com os autores interessando-se pelo desenvolvimento dos personagens num determinado curso temporal (WATT, 1990, p. 11-20).

O francês François de Salignac de La Mothe Fénelon (1651-1715) soube acomodar os conteúdos previstos à literatura feita para crianças nos moldes desse gênero tão popularizado na época, trazendo a prelo, todavia, um livro mais alegórico em relação à configuração realista do romance moderno. A obra *As aventuras de Telémaco, filho de Ulisses* foi lançada em edição clandestina no ano de 1699, alcançando enorme sucesso na primeira metade do século XVIII. O impresso obteve grande difusão também entre os adultos, superando os limites

---

didático-moralizantes em que foi concebido e tornando-se leitura praticamente indispensável da nobreza (ABREU, 2003, p. 129).

O professor Diamantino F. Trindade, no prefácio da edição de *As aventuras de Telêmaco* utilizada neste trabalho, aponta que, em 1689, Fénelon havia sido escolhido como preceptor do Duque de Borgonha, neto de Luís XIV destinado a ser rei se não houvesse falecido em 1712. Para corrigir o comportamento do príncipe, ele dispõe-se a redigir obras que poderiam ser úteis a essa instrução. A produção dessas obras *ad usum delphini* revestia-se da maior importância, uma vez que se destinavam a formar o príncipe que deveria continuar o governo autoritário do Absolutismo. Ademais, com *Telêmaco*, o escritor demonstra realizar um verdadeiro tratado de educação moral e política, aparentemente visando preparar o Duque para um governo diferente do implantado pelo Rei Sol (COELHO, 1991, p. 101).

Ainda consoante a Abreu (2003, p. 129), o bom êxito da publicação, apreciada na maior parte dos países europeus, veio atrelado justamente à percepção de uma suposta equivalência entre a ficção e a realidade, com os leitores identificando uma dissimulada ironia em relação à corte e ao soberano, algo catastrófico para o autor, que caiu em desgraça junto ao rei. Acabou expulso da corte de Versalhes, sendo obrigado a exilar-se em sua diocese, onde alguns anos depois veio a falecer.

O enredo de *As aventuras de Telêmaco* desenvolve-se como uma espécie de continuação do Livro IV da *Odisseia* (2009), poema épico atribuído a Homero. É importante destacar que Fénelon aparentemente teve maior influência da tradição e cultura romanas, preferindo o uso das denominações latinas relacionadas à epopeia, experimentando um contraponto à sua origem grega.

A narrativa em prosa acompanha a busca de Telêmaco por seu pai Ulisses (ou Odisseu), rei de Ítaca, que havia partido para a guerra de Tróia. O jovem assistia inconformado à dilapidação do patrimônio paterno pelos pretendentes de sua mãe, Penélope, que era constantemente pressionada a receber um novo esposo para assumir o trono da cidade. Astuciosa, ela permanecera se esquivando dos nobres que a cortejavam tecendo durante o dia um manto prometido ao sogro, o qual desmanchava durante a noite. Muitos anos já haviam se passado desde a vitória dos gregos contra os troianos e Ulisses ainda não havia conseguido voltar ao seu lar. É assim que Telêmaco parte em viagem à procura de notícias do pai, sendo acompanhado pela deusa Minerva (ou Palas Atena) que, sob a forma em um velho senhor, o oferece

---

suporte, orientação, inspiração e coragem para a conquista de seu objetivo. A divindade assume um papel fundamental para a formação do herói, levando em consideração a atuação direta dos deuses sobre os destinos dos homens na conjuntura da poesia épica. Na chamada Telemaquia, formada pelos quatro livros iniciais da *Odisseia* (2009) que servem de introdução à saga de Ulisses, já podemos perceber a deusa agindo diretamente no percurso de Telêmaco, sobretudo nas vicissitudes pelas quais ele irá passar, contribuindo para a alegoria ao rito de puberdade que realmente fazia parte do processo pedagógico do jovem aristocrata na Grécia antiga.

No compêndio homérico, o personagem Mentor (ou Mentos) se apresenta como rei do povo táfio, companheiro aparentemente incumbido por Ulisses de cuidar das provisões básicas de sua família durante o período de batalhas, recebendo certo destaque quando a divindade, disfarçada com sua aparência, conversa com Telêmaco e resgata nele a esperança pelo retorno do pai, que todos pensavam que estivesse morto.

A de olhos glaucos, Atena, lhe disse o seguinte em resposta:  
“Sem o menor subterfúgio pretendo contar-te a verdade.  
Mentos me chamo e me orgulho de ser descendente de Anquíalo  
justo; dirijo o destino dos Tábios amantes do remo.  
[...]  
Mas me disseram que já se encontrava teu pai de retorno.  
Por isso vim; certamente os eternos a volta lhe impedem.  
Não, não morreu sobre a terra o divino Odisseu, mas ainda  
vive e talvez ora se ache detido no largo oceano,  
em qualquer ilha por ondas cercada, onde seres malvados  
e sem polícia por força o retêm, muito contra a vontade.  
[...]  
(HOMERO, 2009, p. 33)

Na imagem de tal preceptor, a deusa o orienta a procurar por Ulisses primeiramente na cidade de Pilos, sob o domínio de Nestor, e depois em Esparta, comandada por Menelau, fazendo-o companhia na viagem. Contudo, este tutor mantém-se em plano secundário no desenvolvimento da história; Fénelon, por sua vez, o conduz à condição de guia e orientador principal de Telêmaco. De acordo com Diamantino F. Trindade, com a extensa repercussão da obra nos meios educacionais, a palavra *mentor* passou a aparecer em dicionários franceses e ingleses relacionado à figura de conselheiro, protetor, sábio, etc.

Todavia, mesmo encarada como uma narrativa romanesca, a definição do gênero de *As aventuras de Telêmaco* continua sendo um problema para a

---

crítica literária. De acordo com Brito (2009), o livro foi por muito tempo encarado superficialmente como uma espécie de manual com conselhos e normas para a educação de príncipes, próprio do Renascimento. Ademais, a obra apresenta diversos elementos importantes que apontam para outros gêneros, inclusive a utopia. A autora indaga se as aventuras podem ser lidas separadamente como contos, também apontando que durante o Setecentos “louvaram-se seu estilo poético, as descrições idílicas, as figuras retóricas tão próprias da epopeia” (BRITO, 2009, p. 40). Esta tradição de interpretação é apresentada na fala de Verney (1991):

Os romances, a que os Portugueses chamam *novelas*, são verdadeiras epopeias em prosa, e devem ser feitos da mesma sorte. Contudo, acham-se poucos que mereçam este título; pois os portugueses e espanhóis que se acham nada mais são que histórias de amor mui inverossímeis. O *Telémaco de Monsieur de Salignac é uma epopeia das mais bem feitas e escritas que tem aparecido*. (VERNEY, 1991, p. 172, grifo nosso)

Vemos que o famoso teólogo e educador português, assim como muitos outros autores, assumiu a obra de Fénelon como pertencente ao gênero épico. Abreu (2003, p. 129) aponta que os intelectuais que apreciavam os romances esforçavam-se por aproximá-los dos gêneros reconhecidos, como forma de legitimá-los - esforço esse muito realizado em relação ao *Telémaco*. Esse empenho constituía um modo de elevação de um gênero apreciado pelo público, mas rebaixado pelos críticos.

Podemos verificar a larga presença de *As aventuras de Telémaco* também na América portuguesa. Durante várias décadas, a obra de François Fénelon conseguiu ser o livro mais requisitado inclusive no Brasil colonial:

[...] o livro mais remetido para o Rio de Janeiro, entre 1769 e 1826, considerando-se todos os pedidos submetidos aos vários organismos responsáveis pela censura à circulação de livros, era um romance: *Aventuras de Telémaco*, escrito pelo francês François de Salignac de la Mothe-Fénelon. Publicado em 1699, o livro realizou o sonho impossível do escritor contemporâneo: manter-se no topo da lista dos *best-sellers* por mais de 100 anos, não só em seu próprio país, mas até mesmo em terras à época longínquas, como o Brasil. Seu sucesso, tanto em Portugal quanto em suas colônias, pode ser atestado pela existência de seis traduções distintas no século XVIII. (ABREU et al., 2005, s/p)

Ainda segundo as pesquisas de Abreu (2003, p. 131), o gênero romance, entre versões originais, traduções e adaptações, é mencionado, aliás, na maioria dos pedidos aos órgãos sensórios do Rio de Janeiro, também ocupando as primeiras posições na lista de livros mais apreciados. *Telémaco* conheceu várias edições em português, muitas delas acrescidas de excertos dos próprios

---

tradutores, que tinham a total liberdade de interferir no enredo e na estrutura do texto, inclusive transpondo-o em verso (ABREU, 2003, p. 99-104).

Vale salientar ainda o surgimento de outras obras diretamente influenciadas pelo livro de Fénelon, escritos estes que muitas vezes adaptaram seu escopo ficcional alegórico a novos objetivos educacionais, dependendo do contexto de concepção. Dentre eles, destaca-se a narrativa escrita pela luso-brasileira Dona Teresa Margarida da Silva e Orta (1712-1793), lançada em 1752 com o título de *Máximas de virtude e de formosura, com que Diófanos, Climenea e Hemirena, Príncipes de Tebas, venceram os mais apertados lances da desgraça*, sob o pseudônimo de Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira, anagrama perfeito do nome da autora. A segunda edição, datada de 1777, conservou a assinatura pseudônima, mas recebeu a alcunha definitiva de *Aventuras de Diófanos, Imitando o Sapientíssimo Fénelon na sua Viagem de Telémaco*, não deixando dúvidas sobre a emulação do modelo francês. Em 1790, três anos antes da morte da escritora, foi lançada uma nova edição do romance, agora atribuída a Alexandre de Gusmão. Podemos relacionar a constante mudança no título com questões mercadológicas que envolviam a publicação da obra, como a sintonia das editoras com o gosto dos leitores, assim como a ocultação de autoria caracterizaria certa proteção à vida pública da escritora.

Segundo Hipolito (2004), Teresa Margarida, nascida em São Paulo, foi ainda muito pequena para a capital portuguesa, de onde não mais regressou. Ela recebeu uma educação clássica aos moldes da Europa, realidade refletida diretamente nos seus escritos. Ademais, a escritora foi considerada por Tristão de Ataíde como a “precursora do romance brasileiro”, designação mais tarde contestada por outros críticos, como Afrânio Coutinho, Nelson Werneck Sodré e José Aderaldo Castelo que, mesmo reconhecendo sua nacionalidade, excluem seus textos do meio literário do Brasil. Ademais, é incontestável a importância da autora para a história da literatura de língua portuguesa, com suas obras recebendo inúmeras reedições (HIPOLITO, 2004, p. 21-25).

Assim como em *Telémaco*, percebe-se em *Diófanos* a oposição velada ao Absolutismo, além da crítica às imposições da sociedade portuguesa de meados do século XVIII. O romance também se desenvolve no espaço-tempo da antiguidade greco-romana, apresentando as peripécias de Diófanos e Climeneia, reis de Tebas que, acompanhados dos filhos Almeno e Hemirena, seguiam em alto mar para a Ilha de Delos com a finalidade de, após assistirem aos jogos públicos em honra ao deus Apolo, realizarem o casamento da jovem

---

majestade com Arnesto, príncipe daquela cidade, quando foram surpreendidos por uma terrível tempestade que destruiu a esquadra que os escoltava. Passada a tormenta, as embarcações restantes amargam um ataque de inimigos vindos de Argos. Almeno acaba sendo morto durante o combate e a família real é feita prisioneira, sendo depois separada, com os protagonistas vendidos como escravos. No enredo, destaca-se a figura da corajosa princesa, que assume a identidade masculina de Belino para melhor lidar com os infortúnios que a sucedem e poder reencontrar os pais e o noivo, constituindo um epicentro fundamental para guiar a educação de meninas. Sendo assim, o livro demonstra se orientar por aspectos ligados ao comportamento social das mulheres da Corte.

Logo no Prólogo, a autora dirige-se retoricamente ao leitor, invocando o papel pedagógico da narrativa através da defesa de bons princípios:

Leitor prudente, bem sei que dirás ser o melhor método não dar satisfações; mas tenho razão particular, que me obriga a dizer-te, que não culpes a confiança de que me revisto, para nele basta que o natural instinto observe os preceitos da razão, para satisfazer ao ardente desejo, com que procuro infundir nos ânimos daqueles, por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza, e a constância nos trabalhos, porque foi só este o fim, que me obrigou a *desprezar as vozes, com que o receio me advertia a própria incapacidade*; e como em toda a matéria pertence aos sábios advertir imperfeições, *quando reparares em erros, que desfigurem esta obra, lembre-te que é de mulher*, Que nas tristes sombras da importância suspira por *advertir a algumas* a gravidade de Estratônica, a constância de Zenóbia, a castidade de Hipona, a fidelidade de Polixena, e a ciência de Cornélia. (ORTA, 1993, p. 56, grifo nosso)

Teresa Margarida aparentemente assume a perseguição às escritoras no século XVIII, postas em incapacidade de produzir boas obras. Ela justifica possíveis equívocos no livro com o fato dele ser produzido por uma mulher, mas demonstra direcionamento textual a *algumas* leitoras, presumivelmente voltando sua obra ao público feminino.

## 2 EDUCANDO ATRAVÉS DE NARRATIVAS ROMANESCAS

O romance *As aventuras de Telémaco* foi inicialmente dividido em dezoito seções, denominadas *livros*, à semelhança da estrutura homérica. Segundo Brito (2009), após a morte de Fénelon, a obra foi reorganizada por um sobrinho do escritor, sendo publicada com vinte e quatro livros, a mesma quantidade

---

apresentada na *Odisseia* (2009). Cada livro é iniciado por um sumário, cujo objetivo é adiantar os acontecimentos narrados. A organização de *Aventuras de Diófnanes* também segue a conjuntura clássica, com a narrativa apresentando-se segmentada em seis livros e seus respectivos sumários.

A trama dos dois impressos é desenvolvida no exílio, com os personagens principais sentindo constantemente a ausência da pátria. As obras divergem no que diz respeito às técnicas utilizadas para a narração da história. *Telémaco* apresenta-se *in media res*, assim como a *Odisseia* (2009), com o protagonista relatando à deusa Calypso as experiências pelas quais havia passado desde a sua partida de Ítaca. Já *Diófnanes* apresenta-se *ab initio*, através de um narrador de terceira pessoa distante dos fatos contados em ordem linear. Esta diferenciação contempla o livro de Fénelon com uma maior proximidade do herói, que demonstra estar introduzido num processo de formação virtuosa a ser seguido por aqueles que almejavam se tornar bons governantes. O discurso do personagem é carregado de reflexões e inicialmente toma o lugar do narrador externo, que ganha maior propriedade no desenrolar do enredo a partir do Livro VII. As duas narrativas possuem personagens não condicionados pelo tempo, todos servindo de exemplo ao pequeno leitor por se manterem fieis aos seus princípios até o fim, independente dos acontecimentos que compõem as histórias. O filho de Ulisses, ademais, mostra-se detentor de vícios e fraquezas a serem corrigidos, apontando a importância da mediação no processo de educação através da figura de um adulto, a deusa Minerva sob a forma de Mentor.

Mais adiante, Mentor fez-me notar a alegria e a abundância espalhadas por toda a grande planície do Egito, onde existiam até 22 mil cidades. Ele admirava a boa ordem nessas cidades, a justiça exercida em favor do pobre contra o rico, a boa educação das crianças, que eram instruídas no apego à obediência, ao trabalho, à sobriedade. Ele admirava a educação que inculcava nas crianças o amor às artes ou às letras e ao rigor de todas as cerimônias religiosas, e as levava ao desprendimento e à aspiração à honra, à fidelidade entre os homens e ao temor aos deuses; virtudes que cada pai inspirava aos filhos. Ele não se cansava de admirar essa bela ordem. Feliz, dizia-me ele insistentemente, o povo que um sábio rei dirige dessa forma! Mas mais feliz ainda o rei que faz a alegria de tantos súditos, e que encontra a sua na virtude! Ele retém os homens por um laço cem vezes mais sólido que o do medo: o laço do amor. Ele não é apenas acatado, mais ainda, seus súditos amam obedecê-lo. Ele reina em todos os corações, cada súdito, longe de querer se livrar dele, teme perde-lo, e daria sua vida por ele.

Eu refletia sobre o que dizia Mentor, e sentia a coragem renascer no fundo do meu coração à medida que esse sábio amigo falava comigo. (FÉNELON, 2006, p. 21)

---

A passagem acima constitui parte do relato de Telémaco no Livro I e assinala a prudência de seu orientador, que elenca uma série de considerações políticas relevantes a um futuro rei, revelando uma sensata forma de governo. O método pedagógico dos escritos de Fénelon e Orta se vale, em maior parte, justamente nas falas dos personagens, através de exemplos e situações descritos por eles. Este artifício é bastante interessante visto que coloca em ação os ensinamentos a que se pretendia propagar.

O velho Mentor, na verdade a deusa da sabedoria disfarçada, como apresentado no trecho destacado, frequentemente aproveita-se dos exemplos dos governos das cidades pelas quais ele e o pupilo passam durante a viagem para deles tirar preceitos úteis à formação do jovem, como estabelecer uma relação pacífica com os domínios vizinhos e valorizar o trabalho. Além dele, outros personagens tomam espaço na obra de Fénelon através de comentários eloquentes, como Adoan, comandante de um navio que se dispõe a levar Telémaco e Mentor de volta a Ítaca. Podemos verificar um tom moralizante na fala do personagem sobre o povo bético:

Quando se fala de povos que dominam a arte da construção de edifícios soberbos, da fabricação de móveis de ouro e de prata, da tecelagem de tecidos ornados com bordados e pedras preciosas, da fabricação de perfumes delicados, de comidas deliciosas, de instrumentos cuja harmonia encanta, eles respondem nos seguintes termos: São povos infelizes, pois dedicam tanto trabalho e habilidade para se corromper a si mesmos. O supérfluo enfraquece, embriaga, atormenta quem o possui, e tenta aqueles que dele estão privados pelo desejo de conquistá-lo por meio da injustiça e da violência. Pode-se chamar de bem um supérfluo que só serve para tornar os homens perigosos? [...] Eles devem ser incapazes de contentar-se com prazeres puros e singelos porque são escravos de falsas necessidades, nas quais colocam sua felicidade. (FÉNELON, 2006, p. 99)

O combate à vaidade é latente, com os béticos cultivando apenas o que seria útil e necessário, não abrindo margem para a avareza e o mau contato com outros povos, com quem mantinham negociatas. A descrição demonstra-se como um contraponto aos costumes da Corte francesa à época do governo de Luís XIV. Fénelon havia sido ordenado padre aos 24 anos, se entregando à tarefa de missionário no Oriente e na Grécia, antes de ser nomeado Superior da congregação Nouvelles Catholiques em França, no ano de 1678 (COELHO, 1991, p. 100). Sendo assim, podemos constatar que o escritor foi conhecedor e apreciador da antiguidade clássica, não sendo casual a escolha das ambientações que aparecem em sua obra.

---

Em relação a *Diófanos*, notamos a presença de cidades e culturas famosas dentro da mitologia greco-romana, mas através de descrições pouco específicas, com autora importando-se mais com as ações de seus protagonistas (HIPOLITO, 2004, p. 87). Ademais, a prosa de Orta aparentemente também se voltava para uma instrução política, como podemos ver na resposta de Diófanos, sob a identidade do velho sábio Antionor, ao questionamento do rei Anfiarau a respeito dos meios para a manutenção de um bom governo:

É certo, Senhor, (lhes respondi) que não só nasce o Rei para defender os seus domínios com a lança, mas também para governar os seus vassallos com prudência; não só para destruir inimigos, como também extirpar vícios; e não só para ir à guerra, como também para resistir na República, mantendo em boa ordem a justiça [...] Para haverem bons soldados na guerra, basta que os homens sejam valerosos; mas para governar, e administrar bem a República, é preciso que tenham sabedoria, nobreza, e prudência, porque esta virtude sabe discernir entre o claro, e o escuro, entre o nocivo, e o útil, o que se deve apetecer, ou desprezar; e é tão própria virtude do Soberano, quanto precisa no que reger a justiça; assim como é da nobreza um grande efeito o vencer as paixões próprias. (ORTA, 1993, p. 118)

Teresa Margarida utiliza o discurso de Diófanos para apontar diversos danos acometidos pelo Absolutismo Monárquico, como a despreocupação com a realidade vivida pelos súditos, determinando como imprescindível o juízo e a sensatez dos governantes. Nas duas obras analisadas, a exposição oral dos personagens também serve de pretexto para a disseminação de alguns ideais iluministas, como a valorização da razão e do estudo das ciências. A corrente filosófica tão divulgada durante o Setecentos muito provavelmente também influenciou a produção destes escritos, que ganham conotações expressivas ligadas à edificação pela intelectualidade, como podemos ver no trecho a seguir:

Para suportar melhor o desgosto da escravidão e da solidão, procurei livros, pois eu estava prostrado de tristeza pela falta de algum estudo que pudesse nutrir meu espírito e sustenta-lo. Felizes, dizia-me eu, os que desgostam dos prazeres violentos e se contentam com a doçura de uma vida inocente! Felizes os que se entretêm instruindo-se e se deleitam cultivando seu espírito com as ciências. Em qualquer lugar em que a sina inimiga os jogue, eles portam sempre algo com que se entreter, e o tédio, que devora outros homens no mesmo meio dos prazeres, permanece desconhecido para aqueles que sabem se ocupar com alguma leitura. Felizes daqueles que amam ler e não se encontram, como eu, privados da leitura! (FÉNELON, 2006, p. 24)

Telémaco, capturado pela frota do grandioso Sesóstris, havia sido posto como escravo no Egito, sendo separado de Mentor, que tinha sido enviado à Etiópia. A passagem extraída do Livro II mostra o personagem aprendendo a ser paciente por meio do estudo, uma alegoria iluminista muito bem

---

empregada ao texto. O martírio da condição de escravo é diminuído através da leitura de livros, ascendendo sua sabedoria.

Entretanto, François Fénelon, como posto anteriormente, também exercia a função de sacerdote, demonstrando não abandonar os antigos valores espirituais na construção de *As aventuras de Telémaco*, apesar da inspiração iluminista. Zilberman (1987) coloca que no século XVII - período em que o escritor francês ainda estava inserido no momento da concepção do livro - a organização recebe grande influência e estímulo dos protestantes, com a criança sendo vista como indivíduo que só podia ser domado pela educação religiosa rígida. É no século XVIII que os pequenos passam a gozar de maior liberdade, de modo que a família exhibe a imagem de uma parceria interna, dominada pelo calor afetivo (ZILBERMAN, 1987, p. 6).

No livro, como já mencionado, temos a interferência direta dos deuses na trajetória do protagonista, um verdadeiro *protegido dos céus*. Sendo assim, o enredo vincula a ideia de que os homens, mesmo responsáveis por seus próprios atos, de certa forma ainda dependiam da providência divina, tendo o destino determinado através do cultivo de virtudes e boas atitudes. Já na obra de Orta, os deuses são apenas citados, não interferindo na ação dos personagens ou circulando personificados pelos cenários da narrativa. Segundo Hipolito (2004, p. 102), em *Aventuras de Diófanes*, os nomes dos deuses da mitologia greco-romana têm seu emprego restrito à mera ornamentação das frases, como, por exemplo, a figura de Zéfiro representando o vento e a de Netuno anunciando a tempestade.

Teresa Margarida prioriza a representação feminina em seu livro, frisando a importância de seu acesso à instrução. Para isso, a escritora parte da crítica à futilidade - assim como feito por Fénelon em trecho apresentado anteriormente - para sugerir que as mulheres da Corte deviam se dedicar mais ao estudo e ao cultivo do conhecimento através da leitura:

Há mulheres na Corte, que em oitenta anos, que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é coisa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos os conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta conversação. Nós não temos a profissão das ciências, nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos votos de sermos ignorantes. (ORTA, 1993, p. 90)

A passagem citada constitui parte da fala da rainha Climeneia que, assumindo a identidade da velha Delmetra, dirige-se a algumas pastoras que a abrigaram no exílio combatendo os excessos e a ignorância. A atitude comum a

---

muitas mulheres de entregar-se a atividades banais em vez de se ilustrarem é duramente atacada. Ela adverte às serranas que, sem a possibilidade de educação pelas ciências, ao menos se mantenha longe a ociosidade, reconhecendo-se o valor do trabalho cotidiano. Ocupada, a mulher não abriria espaço para qualquer situação ou experiência que afetasse a sua honra e decoro.

No enredo de *Aventuras de Diófanes* também se faz menção à disciplina para um bom matrimônio através de comentários críticos a costumes femininos contrariando o comportamento esperado ao casamento e a atitudes desfavoráveis dos pais dos noivos, como podemos ver em outra fala de Climeneia ou Delmetra:

A perfeição dos casados consiste naquela generosa paixão de amor decente, que com sua boa ordem esmalta as virtudes, e alegremente conserva a felicidade dos matrimônios, porque o gosto dá sempre asas ao amor.

Disto se não lembram os pais, que cegos pela avareza, e encantados pela suavidade de seus interesses, casam as filhas dotadas de vivacidade, e mais graça do Céu, com maridos cheios de vícios, e achaques. Estas merecem que o aplauso universal lhes laureie o sofrimento, pois desde sua tenra idade se reservam para amar um monstro [...] (ORTA, 1993, p. 95).

A sociedade europeia do século XVIII ainda era marcada por uma cultura patriarcal, com a educação muitas vezes ainda caracterizando uma concessão masculina. Ao mesmo tempo em que a narrativa de Orta se propõe como um guia comportamental para a instrução de meninas sob as normas e imposições sociais da época, a obra apresenta certa visão insubmissa no tocante à importância dada à educação científica das mulheres, possivelmente entusiasmada pelo pensamento iluminista.

Segundo Coelho (1991), Fénelon foi um dos primeiros estudiosos a se preocupar com a instrução das meninas, escrevendo um documento fundamental sobre a educação feminina, o *Tratado de educação de meninas* (1687), após exercer a função de preceptor das filhas da duquesa de Beauvilliers. O escritor francês estabeleceu, dentro de uma visão de conjunto, uma série de regras para a formação intelectual e éticas das meninas, pautando-se em sua destinação de esposa e mãe, prescrevendo exercícios físicos, educação artística e instrução intelectual (COELHO, 1991, p. 100).

De acordo com Hipolito (2004, p. 32-33), Verney defendia a democratização do ensino científico, também apontando para melhores condições para a educação feminina. O acesso ao conhecimento e a capacidade de aprender das mulheres dependia, para o teólogo português, apenas das oportunidades a elas negadas por muito tempo. A instrução precária das mães

---

de família, voltada em primazia para a realização de atividades domésticas, afetaria diretamente sua responsabilidade como primeiras mestras das crianças.

Vós sabeis, ó Delmetra, o cuidado, que deve dar a boa educação dos filhos, porque nos meninos, como cera branda, tudo se lhes imprime; e que se os maus costumes têm as raízes na educação, raríssima vez deixavam de ser os frutos monstruosos. A má criação, e o mau exemplo apostam entre si fazerem-se conhecer toda a vida. (ORTA, 1993, p. 98)

O trecho ilustra bem a responsabilidade imposta aos pais com a educação dos filhos durante o Setecentos, apontando para a importância do questionamento quanto ao grau de instrução das mulheres contido na obra de Orta, aproximando-se ao pensamento de Verney.

Se em *Telémaco*, a deusa Minerva assumindo a aparência do sábio Mentor caracteriza a figura de guia pedagógico fundamental tanto do filho de Ulisses como do pequeno leitor que acompanha suas aventuras, em *Diófanés*, as personagens femininas principais tomam realce no empreendimento de saberes preciosos ao público da Corte setecentista através de desventuras. A jovem protagonista Hemirena, travestida de homem, demonstra-se capacitada, aliando a formosura e a virtude, presentes no primeiro título do livro, para realizar as mesmas atividades encarregadas ao gênero oposto, mesmo resguardando o recato.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo das narrativas romanescas torna-se indispensável para uma maior compreensão do histórico da educação durante o século XVIII. Os dois romances analisados revelam temas, valores e ideias a serem propagados por meio da leitura.

François Fénelon e Teresa Margarida Orta fizeram uso da ficção tanto para a instrução do pequeno leitor como para a crítica alegórica de costumes ou situações que presenciavam na sociedade burguesa, combatendo os vícios por meio da valorização da intelectualidade, um reflexo do Século das Luzes. Destarte, é mister destacar que os dois autores apresentavam soluções aplicáveis aos problemas que apontavam. Eles evocavam sua própria visão do mundo através do discurso nada ingênuo de seus personagens, também se aproveitando dos enlaces da prosa para uma formação moral e política de acordo com os princípios os quais acreditavam e as virtudes que defendiam.

---

O gênero romance, bastante popular entre o público setecentista, caracterizou um suporte perfeito para a construção de uma literatura que, embora visando a formação do caráter das crianças, provocasse principalmente o seu interesse, transmitindo os ensinamentos de forma indireta.

*As aventuras de Telémaco e Aventuras de Diófanos* utilizam personagens, mitos e a ambientação espaço-temporal da antiguidade clássica para apresentar relevantes reflexões sobre o tempo em que foram concebidos. Os livros discutem, mesmo que sutilmente, melhores formas de governo, o papel da mulher na vida pública e privada, a importância do mediador de educação. A sabedoria - ou o uso da razão - é posta como o caminho ideal para a felicidade nas tramas, culminando em melhorias na realidade defeituosa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. 1ª Edição. Campinas: Mercado de letras, ALB; São Paulo: Fapesp, 2003.

ABREU, Márcia. et al. *Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. 2005. Disponível em: [\[http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf\]](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf) Acesso em: 22/04/2016.

BRITO, Tarsilla Couto de. *As aventuras de Telémaco: história crítica e releituras. Criação & Crítica*. São Paulo, n° 3, p. 33-45, out. 2009. Disponível em [\[http://www.revistas.usp.br/criacaoocritica/article/view/46770\]](http://www.revistas.usp.br/criacaoocritica/article/view/46770) Acesso em: 22/04/2016.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FÉNELON, François de Salignac de La Mothe. *As aventuras de Telémaco: filho de Ulisses*. Prefácio por Diamantino F. Trindade. Tradução por Maria Helena C. V. Trylinski. 1ª Edição. São Paulo: Madras, 2006.

HIPOLITO, Helaine Aparecida. *Aventuras de Diófanos: as "aventuras" do romance português*. 2004. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis - SP.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução por Carlos Alberto Nunes. 2ª Edição. São Paulo: Ediouro, 2009.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. In: *Obra reunida*. Introdução e notas por Ceila Montez. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

VERNEY, Luís António. Carta sétima. In: *Verdadeiro método de estudar (cartas sobre retórica e poética)*. Introdução e notas por Maria Lucília Gonçalves. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1991. p. 124-178.

---

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução por Hildegard Feist. 10ª Edição. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 9ª Edição. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. in: ZILBERMAN, R. MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª Edição. São Paulo: Ática, 1987.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 12 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 05 de setembro de 2016.